

A relação da Antroposofia com a vida religiosa

Rudolf Steiner

GA 342-1* Primeira conferência^{NT}

Dornach, 26 de setembro de 1921 parte da tarde

Tradução: Salvador Pane Baruja, 08/04/2022

Uso particular e sem fins lucrativos

Meu caros amigos! Eu agradeço ao senhor licenciado Bock¹ pela sua saudação e prometo aos senhores que farei tudo o que as minhas forças me permitirem para contribuir, no sentido que os senhores realmente possam encontrar durante a estadia aqui aquilo que os senhores buscam, pelo menos parcialmente.

Hoje inicialmente gostaria de falar de alguns aspectos que servem de orientação para que possamos entender-nos corretamente. Essa será especialmente a nossa tarefa, mesmo durante as diferentes discussões que teremos, a tarefa de manifestar claramente aquilo que realmente os senhores levam no coração em relação à futura ação dos senhores. E espero pode dizer aquilo que deve ser dito da maneira correta, na medida em que eu ouvir nas próximas discussões os desejos e as tarefas que os senhores se colocam a si mesmos.

Meu caros amigos, a Antroposofia deve permanecer absolutamente honesta num aspecto ao qual eu tenho me referido frequentemente: a Antroposofia como tal não pode apresentar-se {no mundo} com o intuito de fundar uma religião; a Antroposofia como tal deve se atribuir a limitada tarefa de, na qualidade de Ciência Espiritual, frutificar a cultura e a civilização da atualidade, e não pode ter como uma de suas intenções ela mesma declarar-se fundadora de uma religião. Nada está mais longe {de suas aspirações} do que intervir diretamente de alguma forma no processo de desenvolvimento da vida religiosa.

Entretanto, diante da tarefa que os senhores abraçaram, parece-me perfeitamente legítimo que busquemos na Antroposofia aquilo que podemos conquistar para agir religiosamente. Deve-se dizer, portanto, que, indiretamente por meio da Antroposofia, não apenas se pode conquistar muito para a vida religiosa, mas que também isso deve ser conquistado. É absolutamente correto o sentimento dos senhores de que a vida religiosa como tal precisa ser aprofundada e que esse aprofundamento só pode vir das fontes da ciência antroposófica.

Eu parto do princípio, meus caros amigos, de que os senhores querem atuar ativamente na vida religiosa e que participam deste curso antroposófico porque têm a sensação de que, de certa forma, a {atual} ação religiosa caminha gradativamente para um beco sem saída. E que, devido às nossas tradições, ao desenvolvimento histórico e por outras razões que ainda iremos abordar, faltam determinados elementos que deveriam estar presentes {na vida religiosa}. Sim, vemos justamente que as mais importantes personalidades da atualidade, que buscam uma nova fundação religiosa porque acreditam que esta é necessária, se dirigem numa direção claramente determinada.

NT: Esta conferência é uma das 29 proferidas por Rudolf Steiner no segundo ciclo de conferências para religiosos e estudantes de Teologia de diversas confissões, realizado em Dornach, de 26 de setembro a 10 de outubro de 1921. O ciclo estava dividido em conferências pela manhã e sessões de perguntas e respostas à tarde. Um ano depois, 45 religiosos e estudantes fundaram a Comunidade de Cristãos, sob a orientação de Rudolf Steiner. O título da presente conferência é da minha autoria. As minhas observações estão entre {}.

¹ Emil Bock (1895-1959), licenciado em Teologia, em 1922 co-fundador e reitor da Comunidade de Cristãos e, a partir de 1938, reitor central da mesma. Sua biografia pode ser lida em *Os fundadores da Comunidade de Cristãos* (Rudolf F. Gädeke, Dornach 1992) e em *Emil Bock, vida e obra* (Gundhild Kacer-Bock, Stuttgart 1993).

Em primeiro lugar, eu gostaria de assinalar que as mais conscientes personalidades se perguntam como podem chegar a fundamentar uma consciência religiosa assertiva e, assim, elas realmente buscam mais ou menos uma espécie de filosofia, sim, não se pode chamar isso de outra maneira. Lembro aos senhores como, por exemplo Heim² busca uma espécie de base filosófica para a consciência religiosa. Certamente, é mister reconhecer que isso surge como algo absolutamente necessário a partir da atual consciência do nosso tempo e devemos reconhecer que muito foi atingido através dessa busca.

Mas, ao observar isentamente aquilo que é objeto dessa busca, não devemos nos furtar de expor o seguinte parecer: uma busca dessa natureza, no lugar de conduzir à vida religiosa, leva realmente ao afastamento da almejada vida religiosa. Os senhores sentirão que a vida religiosa deve ser direta, deve ser algo que está diretamente ligada à natureza humana, que vive de maneira elementar a partir dos fundamentos mais profundos dessa natureza humana. Sim, todo pensar filosófico é reflexão e se afasta dessa vivência elementar direta. Se os senhores permitirem que eu expresse o meu sentimento pessoal, eu diria o seguinte: quando alguém filosofa a respeito da vida religiosa e acredita que uma fundamentação filosófica é útil à vivência religiosa, eu fico sempre com a impressão de que é como se a pessoa quisesse se alimentar lendo a respeito da Fisiologia alimentar.

A verdade é que, mesmo que alguém determine corretamente os princípios básicos da nutrição, isso não alimenta ninguém de jeito nenhum. A nutrição esclarece quanto à alimentação, mas a alimentação deve ter por base a realidade, deve estar enraizada na realidade; e só depois é que se pode filosofar sobre a alimentação. Assim também a vida religiosa deve ter suas raízes na realidade. Deve estar fundada na realidade e, depois que isso for assim, então aí sim deveria filosofar-se a respeito da vida religiosa.

Esse é um lado. O outro consiste em que, como sempre gosto de fazer referência à realidade, gostaria de apontar para um livro publicado algumas décadas atrás em Basileia, cujo título é *Sobre a cristandade da Teologia de nossos dias*. O livro foi escrito por Oberbeck³, que apresenta a prova de que a Teologia moderna ainda é uma Teologia, mas que na verdade não é mais cristã. Bom, se alguém simplesmente substituir o nome de Cristo pelo de Deus nas discussões contidas no livro *A essência do Cristianismo*, de Adolf Harnack⁴, nada de importante mudaria no conteúdo desse livro.

Isso se torna patente logo na afirmação de Harnack de que, na verdade, somente a pregação {da palavra} de Deus tem cabimento no Evangelho, mas não a de Jesus Cristo, embora naturalmente durante os primeiros séculos do desenvolvimento cristão o Evangelho era visto principalmente como a verdadeira pregação de Jesus Cristo. Mas, se alguém realmente vê no Evangelho a verdadeira pregação de Jesus Cristo, deve poder também ver a vivência do Cristo como algo especial, além da vivência do Pai como a vivência de um deus que age no mundo em geral. Um teólogo como Adolf Harnack não conhece mais ambas vivências, mas apenas a de Deus

2 Karl Heim (1874-1958), a partir de 1920 professor der Teologia na cidade de Tübingen. Autor de *A imagem mundial do futuro*, em 1904; *A questão da certeza na Teologia sistemática até Schleiermacher*, em 1911; *A certeza da fé*, 1916; e *A visão de mundo da Bíblia*, em 1920.

3 Franz Overbeck (1837-1905), a partir de 1870, professor de Teologia em Basileia, Suíça. Seu livro *Sobre a cristandade da Teologia de nossos dias* foi publicado em 1873 em Leipzig.

4 Adolf von Harnack (1851-1930), a partir de 1888 professor em Berlim. Seu livro *A essência do Cristianismo, Dezesseis palestras apresentadas para estudantes de todas as faculdades no semestre de inverno de 1899/1900 na Universidade de Berlim*. Veja especialmente a oitava palestra, onde consta: “Não o Filho, mas somente o Pai deve estar no Evangelho, conforme Jesus pregou”.

e, por isso, vê-se obrigado a batizar com o nome de Cristo o que ele sente {estar presente} na representação de Deus; simplesmente por razões históricas, porque ele é um representante do cristianismo, batiza a sua vivência divina com o nome do Cristo.

Essas coisas radicais, significativas, já estão inteiramente presentes {desde o início neste tema}. Certamente, as pessoas não se expressam sempre de maneira clara e apropriada, mas é possível senti-las. Eu parto do princípio de que, como atualmente as pessoas se sentem sacudidas anímicamente, os jovens teólogos em especial acabam mostrando que não é possível estar de acordo com o fato de que, hoje em dia, é possível ser teólogo sem se sentir penetrado pela verdadeira essência do Cristo. É a partir dessa vivência que surgiu um livro como o de Overbeck sobre a cristandade da Teologia da atualidade, porque tem somente a ver com um filosofar genérico a respeito do Deus que perpassa o mundo, mas não com o autêntico sentido da vivência crística para fundamentar o tratamento das questões religiosas. A questão do Pai fundamenta apenas o tratamento das questões religiosas, mas não a vivência do Cristo.

No fundo, hoje em dia todos nós sentimos na carne as consequências do ensino baseado no moderno cientificismo, esse cientificismo que, na verdade, somente a partir da metade do século XV passou a influir na civilização contemporânea, mas que penetrou no conjunto do pensar do ser humano da atualidade. De fato, hoje não é possível algo diferente do que isso porque já a partir da escola fundamental as crianças são ensinadas a pensar da maneira que o moderno cientificismo determinou. É por isso que também a Teologia do século XIX quis se orientar conforme as formas do moderno cientificismo. Ela sentiu-se responsabilizada perante o tribunal desse moderno cientificismo e acabou se transformando naquilo que é hoje. Atualmente, só é possível achar o caminho correto para fundamentar uma verdadeira religiosidade se, ao mesmo tempo, forem levados em consideração a legitimidade e o significado da vida científica.

Possivelmente, alguns dos senhores já ouviram as referências que fiz a uma pessoa que deve ser levada a sério no que diz respeito à vida religiosa. Trata-se Gideon Spicker⁵, que durante muito tempo lecionou Filosofia na Universidade de Münster. Seu ponto de partida era uma rigorosa concepção cristã do mundo, que ao longo do tempo se desenvolveu numa filosofia, mas que nada mais era do que um instrumento para ocupar-se das questões religiosas. Mas o pensamento moderno não lhe ofereceu a possibilidade de achar um fundamento seguro para esse empreendimento.

Assim, encontramos no seu livrinho *Na virada da época mundana do Cristianismo* a desorientação do ser humano moderno, que ele caracteriza da seguinte maneira: Hoje temos uma metafísica sem convicção transcendental, contamos com uma teoria do conhecimento sem significado objetivo, temos uma psicologia sem alma, uma lógica sem conteúdo, uma ética sem compromisso e, portanto, no fundo não podemos encontrar o fundamento da consciência religiosa. Gideon Spicker estava próximo, muito próximo, do ponto crucial que, de fato, é a base de todas as divergências religiosas do homem da atualidade.

É possível ver isto como se fosse um sintoma, digamos assim, para localizar o verdadeiro ponto crucial. Quando o ser humano moderno tenta desenvolver uma imagem do mundo através de representações mentais, ele tem, ao mesmo tempo, a sensação de que esse processo de conhecimento não chega às profundezas da questão. Gideon Spicker explica da seguinte maneira: “Temos uma teoria do conhecimento sem significado objetivo”, o que significa dizer que nós temos o conhecimento, mas não estamos em condições de encontrar em nós a força capaz de unir esse

5 Gideon Spicker (1840-1912), professor de Filosofia na cidade alemã de Münster. Seu livro *Na virada da época mundana do Cristianismo. Confissão filosófica de um ex-benedictino* foi publicado em 1910 em Stuttgart. A citação feita por Steiner consta da página 21.

conhecimento a algo objetivamente real. Assim, o ser humano da atualidade que busca o conhecimento padece por não ter a possibilidade de achar no conhecimento a garantia da objetividade da essência do mundo. Ele realmente não se encontra a si mesmo naquilo que vivencia subjetivamente no conhecimento.

Tudo isso evidentemente nada tem a ver com a vivência religiosa, justamente por ser Filosofia. Contudo, pode-se dizer que a vivência religiosa está hoje completamente sob uma influência que vai numa direção bem parecida. Isso porque, se a humanidade não está em condições de dizer que a pessoa encontra no conhecimento um ser objetivo, então essa humanidade sente a mesma falta de apoio em uma outra área, que é a vida religiosa. Nela surge a mesma ausência de apoio, que é o ponto central da vida religiosa da atualidade. Veremos a seguir como todas as outras questões giram em torno deste ponto central. O ponto central é a oração, o significado da oração⁶

O ser humano religioso deve sentir que a oração deve ter um significado real; na oração deve existir uma relação com alguma forma de realidade. Mas numa época na qual o homem que busca o conhecimento não consegue sair do seu conhecimento [subjetivo] e não consegue captar uma realidade nesse conhecimento, o ser humano religioso dessa mesma época que reza não acha a possibilidade de ter consciência de que a oração não é um ato subjetivo, mas que na oração existe uma vivência objetiva. Para a pessoa que não tem a clareza de que na oração existe uma vivência objetiva, é impossível achar um verdadeiro apoio religioso. Todas as outras áreas devem se concentrar na oração. Mas a oração que tiver somente um significado subjetivo deixaria a pessoa sem apoio religioso. É a mesma raiz, a partir da qual hoje, de um lado, cresce a ausência de apoio no conhecimento, o *Ignorabimus*^{NT}, e do outro, o medo, a preocupação, de que com a oração não se vive a objetividade divina, mas talvez que a pessoa continuaria se ocupando exclusivamente da sua própria subjetividade.

Como os senhores podem ver, a questão da fé, a questão do conhecimento e todas as questões que ocupam o ser humano do aspecto teológico têm a ver com o que acabei de caracterizar. Também tudo aquilo do lado da vivência religiosa direta que aflige o ser humano, que deve ter segurança e apoio, provém da mesma fonte. Praticamente, não é possível fazer o certo diante desta questão, a menos que a pessoa busque se orientar historicamente, quando então torna-se claro, devido ao atual cientificismo, quão longe estamos hoje daquilo que chamaríamos a cristandade, enquanto que, por outro lado, existe a permanente intenção de se chegar à reconciliação do cientificismo com a cristandade.

Considerando tudo o que consta dos Evangelhos e do que faz parte da tradição cristã, os senhores poderiam dizer que neles existe uma outra compreensão do ser humano se comparada à do cientificismo. O moderno cientificismo reduz o ser humano a certo tipo primitivo de ser humano primordial – não quero dizer de jeito nenhum que ele possivelmente deve ter se desenvolvido a partir de antepassados animais –, que gradativamente se desenvolveu e que nesse desenvolvimento existe o progresso. A moderna humanidade desse cientificismo está satisfeita em relação ao primitivo ser humano primordial, que, conforme se fala, por meio de uma certa força que possui irá se elevar a uma crescente perfeição cultural.

NT: Rudolf Steiner cita apenas a primeira parte da expressão latina *Ignoramus et ignorabimus* (ignoramos e iremos ignorar), que exprime a visão muito pessimista quando aos {supostos} limites do conhecimento humano. A frase foi publicada na obra *Sobre os limites do conhecimento da natureza*, do fisiologista alemão Emil du Bois-Reymond, em Leipzig, em 1882. Steiner critica essa posição (GA 4 *A Filosofia da Liberdade*, Editora Antroposófica, São Paulo, 2008, p. 83).

6 Quanto ao significado da oração, veja GA 59 *Metamorfozes da vida anímica, segunda parte* (conferência A essência da oração, Berlim, 17 de fevereiro de 1910).

Se o Cristo, o Mistério do Gólgota, foi incluído nesse desenvolvimento, quem permanece fiel ao Evangelho só pode dizer que ele {o Cristo} não combina com uma concepção da história que, de certa forma, dá uma volta em torno do Mistério do Gólgota e o deixa de fora. O Cristo do Evangelho não pode ser pensado de outra forma, exceto a partir de um pressuposto que era tido como completamente evidente pelos mais esclarecidos homens espiritualizados ainda no século XVIII.

Agora, deixo de lado o desenvolvimento religioso e desejo apenas apontar para alguém que foi um eminente cientista no século XVIII. É Saint-Martin⁷, que tinha uma clara consciência de que o ser humano, no início do seu desenvolvimento na Terra, despencou de uma certa elevada posição, que ele inicialmente esteve em outro contexto mundial, em outro ambiente, e devido a um extraordinário acontecimento, devido a uma crise, foi jogado a uma esfera abaixo de seu nível existencial anterior, de tal forma que o ser humano, de certa maneira, no seu atual desenvolvimento não é mais aquele que foi no passado.

Portanto, enquanto que nossa ciência natural moderna aponta para o desenvolvimento ascendente do primitivo ser humano primordial, a concepção de Saint-Martin aponta para o ser humano que caiu, para o ser humano que em algum momento do passado tinha uma posição mais elevada. Saint-Martin apresenta isso como algo evidente, mas também mostra que o ser humano sente uma espécie de vergonha por essa queda. Vejam os senhores, quando o Cristo for incluído nessa concepção de desenvolvimento, pela qual a queda do ser humano marca o início de sua presença na Terra e desse então se encontra numa posição inferior à inicial, aí o Cristo passa a ser aquele ser que salva o ser humano da continuidade dessa queda, aí o Cristo eleva o ser humano ao estágio onde este se encontrava inicialmente.

Mais adiante, vamos ver como essa concepção deve ser modificada na nossa alma. Seja como for, estamos diante da incomensurabilidade existente entre nossa moderna concepção do desenvolvimento do ser humano e a concepção do Evangelho, e é sempre uma desonestidade mexer aqui e ali, mas não confessar que não é possível ser cristão e, ao mesmo tempo, declarar-se adepto da forma de pensar da ciência moderna. Isto deveria realmente ficar claro para todo ser humano honesto, especialmente para aquele que possui honestos sentimentos religiosos. Para que a vida religiosa volte a ser uma vida sadia é preciso primeiramente superar algo.

Sem essa superação, a vida religiosa nunca será uma vida sadia. De fato, existem pessoas como David Friedrich Strauß⁸, que, diante da pergunta “ainda somos cristãos?”, respondeu “não”, que são mais honestos do que certos teólogos da atualidade, que repetidamente não enxergam a verdadeira diferença radical entre o que o ser humano moderno vê como sendo a ciência e a concepção evangélica do Cristo. Esse é o traço do caráter da moderna Teologia. Esta é, afinal das contas, a impotente tentativa de tratar o Evangelho de determinada forma para poder justificá-lo perante a ciência moderna. Assim não pode surgir nada sustentável.

Sim, contudo, a teologia ainda está presente. A moderna autoridade pastoral encontra pouco apoio para o exercício de suas funções na teologia que se ensina, devido às razões já mencionadas anteriormente e que serão tratadas novamente nas próximas discussões. A moderna

7 Louis Claude de Saint-Martin (1743-1803). Seu livro *Des erreurs et de la verite ou les hommes rappelies au principe universel de la science* foi publicado anonimamente em 1775. A citação feita por Steiner consta na página 35 da primeira parte.

8 David Friedrich Strauß (1808-1874). Steiner cita a partir do capítulo *Ainda somos cristãos?* do livro *A velha fé e a nova fé*, Leipzig, 1872.

autoridade pastoral tem que ser naturalmente teólogo, embora com certeza teologia não é religião. Mas para agir é preciso contar com uma profunda formação teológica e a {atual} formação teológica sofre de todos os defeitos que assinala nesta introdução de hoje.

Vejam os senhores, a igreja católica sabe muito bem o que faz, na medida em que não permite que a ciência moderna penetre na teologia. Não que ela deixe de cultivar a ciência moderna, ela a cultiva com maior razão. Os católicos encontram-se entre os maiores estudiosos da ciência. Eu gostaria de citar apenas o padre Secchi⁹, um grande astrofísico, e pessoas como Wasmann, que é um expressivo zoólogo, além de outros mais, mas especialmente as extraordinariamente valiosas contribuições científicas da ordem do Beneditinos¹⁰, etc. Mas que papel desempenha o moderno cientificismo no seio da igreja católica? A igreja católica quer que o moderno cientificismo seja cultivado, pois nela estão autênticos corifeus.

Mas esse moderno cientificismo deve ser praticado apenas em relação ao mundo sensorial exterior, ele deve ser rigorosamente mantido longe de qualquer concepção espiritual, não deve expressar nada sobre a espiritualidade. É-lhe diretamente proibido manifestar-se sobre o espiritual; os cientistas não devem se intrometer quando se diz algo a respeito da legitimidade da vida espiritual. Assim, o catolicismo recluso a ciência dentro de seus limites, a expulsa de tudo o que tem a ver com a teologia. Por exemplo, o modernismo tem se expandido gradualmente {pelo mundo}, mas mesmo assim o catolicismo sente ser algo muito difícil de aceitar. É por isso a luta do catolicismo contra o modernismo¹¹.

A igreja católica sabe muito bem que, a partir do momento que a ciência penetrar na teologia, surgirão extraordinários perigos, pois não é possível harmonizar a teologia com as pesquisas científicas. É uma situação desesperadora, se for falado da seguinte maneira abstrata: nós precisamos de contar a com a teologia, mas mergulhamos no moderno cientificismo, estamos sapecados pelo moderno cientificismo. De onde vem essa situação? Essa é a grande candente questão: De onde vem essa situação?

Meu caros amigos, sim, a teologia, assim como a conhecemos no início, tem suas raízes em pressupostos muito diferentes daqueles do moderno ser humano. Afinal de contas, quando corretamente compreendidos, os fundamentos da teologia são os mesmos do próprio Evangelho. Com isso, eu digo algo que, naturalmente, expressado dessa forma, não pode ser compreendido, mas que é de extraordinária importância e significado para as nossas discussões. A teologia, assim como é transmitida, não se apresenta de jeito nenhum sob a forma do moderno cientificismo.

9 O padre Angelo Secchi SJ. (1818-1878), astrônomo italiano, lecionou na Universidade de Georgetown, nos Estados Unidos. Suas principais obras são *Le soleil*, Paris, 1870; e *Le stelle, saggi di astronomia siderale*, Milão, 1877.

Erich Wasman SJ. (1859-1931), zoólogo austríaco. Suas principais obras são *Estudos comparativos sobre a vida anímica das formigas e de animais superiores*, *Instinto e inteligência no reino animal*.

10 A biblioteca particular de Rudolf Steiner inclui o livro de A. Lindner *Os escritores e os membros da Ordem dos Beneditinos que serviram à ciência e à arte no atual reino da Baviera do ano de 1750 até o presente*, Regensburg, 1880.

11 A repetida tentativa de unir a tradição católica e o pensamento moderno foi chamada pela igreja católica de “Modernismo”, no sentido pejorativo. A igreja católica sentiu-se obrigada a agir, a partir das últimas décadas do século XIX, quando a ciência também penetrou nas áreas da Filosofia da Religião, da Teologia e da Doutrina Social. Em 1907, o papa Pius X chamou o modernismo de “depósito de todas as heresias” e, através do decreto *Lamentabili*, reuniu todos os equívocos do modernismo e os repudiou. A partir de 1910, o clero foi obrigado a prestar o chamado “juramento antimodernista”, que somente foi revogado em 1967. Veja também GA 198 *Fatores de cura do organismo social* (conferências de 30 de maio, 3 e 6 de junho de 1920).

Em grande parte, a teologia em suas formas também é algo transmitido e, como tal, ela remete a antigos modos de concepção do ser humano. Com certeza, posteriormente, a lógica moderna foi aplicada à moderna teologia e, com isso, a forma da teologia foi parcialmente modificada e, assim, não é possível mais ter acesso ao que ela foi inicialmente. Por outro lado, o catolicismo tem algo em si mesmo que age de maneira sedutora nas pessoas mais inteligentes, e muitos religiosos que estudaram teologia continuam no catolicismo graças ao que lhes é transmitido como sendo a mensagem da chamada revelação original.

A revelação original! Devemos entender claramente que o catolicismo não tem simplesmente a revelação, da qual se fala como sendo a revelação do Novo Testamento, nem apenas a revelação conhecida como a do Velho Testamento, mas que o catolicismo enquanto teologia fala de uma revelação original. Ela é geralmente caracterizada da seguinte maneira: aquilo que foi revelado através do Cristo já fora anteriormente revelado ao ser humano. Naquela época {anterior à do Cristo}, os seres humanos receberam essa revelação em um mundo de outro contexto, em um mundo cósmico, que, devido ao pecado original, ela se perdeu, mas a herança dessa revelação ainda estava disponível no Velho Testamento e nas doutrinas pagãs.

Essa é a concepção católica. O ser humano recebeu a revelação antes de que ele pecasse; se ele não tivesse soçobrado ao pecado, não teria sido necessário esse ato de salvação do Jesus Cristo. Mas a revelação original foi conspurcada, na medida em que o ser humano desceu ao mundo pecaminoso e esqueceu o conteúdo dessa revelação original gradativamente ao longo do tempo até o Mistério do Gólgota. De certo modo, no início {dos tempos do Velho Testamento}, ainda brilhava esse conteúdo, mas, à medida que as gerações foram passando, a revelação original perdeu seu brilho e escureceu completamente na época em que a nova revelação foi apresentada através do Mistério do Gólgota.

Assim, o cristianismo que ainda ensina a teologia vê na doutrina do Velho Testamento e, principalmente, nas doutrinas pagãs, uma revelação original corrompida. Já falei várias vezes em relação à Antroposofia, que o catolicismo tem uma opinião sobre os mistérios da antiguidade. No meu livro *O Cristianismo como um fato místico*¹², aponte para esses aspectos, da maneira que foi possível, porque no mundo atual eles são muito desconhecidos e a maioria das pessoas não estão preparadas para saber a esse respeito. Mas aqui podemos falar mais pormenorizadamente sobre isso, especialmente em relação a um ponto.

Nos mistérios pagão-religiosos eram praticadas determinadas experiências, pelas quais as pessoas adquiriam um conhecimento maior do que era comunicado exotéricamente à maioria da população. Essas vivências não eram alcançadas por meio da doutrina, mas através da ascese, do exercício que levava o ser humano a ter determinadas vivências. Existia uma espécie de drama com um ponto culminante, com a catarse, pela qual o discípulo chegava à vivência da iluminação das leis do mundo divino. Isto é um fato e no meio esotérico católico vive a consciência de que algo parecido a esses mistérios realmente existiu.

Mas, como se fala correntemente, o mundo moderno foi invadido pela ciência profana e ela não tem nada a dizer à teologia; por isso, eles {os teólogos católicos} protegem o conhecimento desses mistérios para evitar que a ciência profana penetre na teologia e esclareça {à sua maneira} esses mistérios. Porque, de toda maneira, seria um perigo muito grande se os mistérios fossem explicados. O catolicismo teme permitir que a ciência tome conhecimento do que se pode saber a respeito deles.

12 GA 8 *O cristianismo como um fato místico* Editora Antroposófica, São Paulo, terceira edição, 2018.

A questão que se coloca é a seguinte: O que transmitiram realmente esses mistérios da antiguidade? Os mistérios não transmitiram meras mensagens, mas transmitiram uma transformação da consciência, uma verdadeira transformação da consciência. O ser humano que frequentava esses mistérios aprendia a vivenciar o mundo de uma maneira muito diferente daquela de quem não tinha acesso a esses centros. O ser humano que participava atentamente do mundo em estado de vigília vivenciava o mundo sensorial exterior, ele vivenciava suas lembranças, ele podia, através das lembranças, reviver seu próprio passado, mesmo que com muitas interrupções, até alguns anos depois do nascimento.

Já a consciência do ser humano que passava pelos duros exercícios dos mistérios iluminava algo muito diferente daquilo que ele podia atingir com a sua consciência convencional. Exemplo disso é que o vivido nesses mistérios era chamado de “renascimento”. Porque era chamado de renascimento? Porque, de fato, essa pessoa chegava a um certo estado de vivência embrional, sua consciência {durante a vivência} chegava a um estágio semelhante ao que se conhece como a época embrionária.

Durante a época embrionária, o ser humano só tem vivências interiores, assim como quem {depois do nascimento} vivencia seus pensamentos, enquanto que a vivência sensorial embrionária se dá através do ventre materno. Essa vivência, aparentemente indireta mas na verdade muito mais direta do mundo, era despertada nos discípulos dos mistérios. Como a vivência embrionária era despertada, então isso era chamado de “renascimento”. O discípulo recuava na vivência embrionária até o seu próprio nascimento e, assim, surgiam recordações das vivências de tal natureza que a pessoa se sentia como que saindo do mundo espiritual, ainda meio em ligação com o mundo espiritual.

Eram os mistérios do nascimento e, durante o seu apogeu, isso era entendido como sendo o que o ser humano poderia receber através dessa forma de iniciação. O que o discípulo recebia por meio dessa iniciação era visto como sendo um conhecimento escurecido do estado no qual o ser humano se encontrava antes de cair no mundo sensorial. Portanto, através do “renascimento”, a pessoa retornava de certa maneira a uma existência humana livre de pecado. Esse conhecimento escurecido era chamado [em épocas antigas] de “teologia”, que não tinha origem no mundo terrestre, mas que só era acessível por meio do retorno a um conhecimento que o ser humano tinha antes de chegar à Terra e que fora corrompido a partir a chegada do homem ao mundo.

Eu apresento estas questões agora aos senhores e, evidentemente, mais tarde vamos observá-las em relação à nossa atual consciência. Teologia era [nos tempos antigos] uma dádiva divina, que só era acessível através desses exercícios, que elevavam o ser humano além do mundo sensorial, o levavam de volta pelo menos até as vivências no seio materno e, dessa forma, tornavam-no capaz de, por sua vez, captar aquilo que ainda não fora corrompido [pelo mundo sensorial]. Mas isso não era apreendido no sentido que os modernos conceitos lógicos utilizam. As pessoas dos mistérios não recebiam conceitos no sentido moderno, mas captavam imagens. Todo o conhecimento que era acessível dessa maneira chegava sob a forma de imagens, de contemplações.

À medida que uma pessoa mergulhar crescentemente no verdadeiro mundo da existência – algo muito diferente de um simples “passar” pela existência –, mais ela estará no interior da existência, assim como no seio materno ela se encontra mais na existência, mais a consciência deixa de viver abstratos conceitos lógicos, mais ela vive em imagens. Portanto, a “teologia” dos antigos, a teologia da época pré-cristã, era a ciência em imagens, a ciência que vivia em imagens.

É por isso que posso dizer que essa teologia era absolutamente parecida à forma de expressão que vive no Evangelho. Pois no Evangelho realmente também encontramos imagens e, à medida que retrocedemos {no tempo}, constatamos cada vez mais que no Evangelho se fala com a atitude da antiga teologia; nela não existe de jeito nenhum a diferença entre religião e teologia, pois a própria teologia é algo que se recebe de Deus, na teologia eleva-se os olhos para Deus, vê-se que a teologia é dada através da relação com Deus. Ter teologia é algo vivo. Depois aconteceu que a teologia passou a ser vivenciada [de outra maneira] de uma forma parecida aos estados nos quais se encontra uma pessoa que envelhece. Naqueles tempos muito antigos, portanto, a teologia se alimentava da vivência religiosa. A humanidade foi perdendo exteriormente passo a passo essa maneira muito especial de viver no mundo [da vivência religiosa] na mesma época em que ocorreu o Mistério do Gólgota.

Vejam os senhores, se olharem para o oriente, com o qual se relacionam as fontes da nossa vida religiosa no sentido histórico, os senhores encontram, digamos assim, a vida religiosa hindu. O que alimentava essa vida religiosa hindu? Era a percepção da natureza, mas que para os hindus era algo completamente diferente do que ela é para o homem contemporâneo. Para o hindu, a percepção da natureza era algo assim como que, enquanto observava a natureza, ele a contemplava espiritualmente, mas só captava espiritualmente aquilo que se encontrava abaixo da verdadeira essência do ser humano.

Ele contemplava espiritualmente o reino mineral, o reino vegetal, o reino animal, tinha inclusive consciência de um fundamento divino-espiritual desses mundos, mas, quando tentava aproximar-se do que era humano, nada captava: era o nirvana, a entrada no nada [em relação do humano] que poderia ser contemplado.

Daí esse fervor [da vida religiosa hindu] pelo nirvana, que durou ao longo de toda a época durante a qual a teologia, a religião e a ciência ficaram unidas. Temos aí uma fuga daquilo que, a partir da antiga consciência de imagens, era captado do fundamento da natureza, uma fuga para o nirvana, onde se dissipa tudo o que {na Terra} está entregue aos sentidos. É preciso sentir esse impulso de se entregar ao nirvana na sua totalidade religiosa para ter consciência de uma das possíveis formas das várias correntes do sentimento religioso do ser humano.

Bom, quando observamos posteriormente a visão espiritual do mundo entre os persas e, mais tarde ainda, entre os caldeus, vemos que eles olhavam para o além, não vivenciam o mundo como nós, mas um mundo espiritualizado, contemplavam em todas as coisas o fundamento espiritual, mas seguravam tudo isso. Esses povos tinham um caráter diferente em comparação aos hindus. Estes queriam alcançar o ser humano, mas não o conseguiam. Os outros povos, que habitavam os territórios ao norte e ao oeste da Índia, não buscavam o ser humano, mas queriam estar no mundo, chegar ao espiritual do mundo. Eles só conseguiram captar essa espiritualidade, na medida em que evitaram com toda a força possível aquilo que no posterior desenvolvimento da humanidade não foi mais possível contornar.

Meu caros amigos, é extremamente importante captar como, de um lado, o antigo hindu desejava sair daquilo que ele via porque, à medida que ele buscava o humano, caía na inconsciência, ao passo que o antigo persa ficava naquilo que ele via. O antigo persa captava o divino que fundamentava os mundos mineral, vegetal e animal e, nesse sentido, dirigia sua aspiração religiosa, mas sentia o medo de que poderia ser obrigado a procurar o ser humano e isso o levaria a criar uma concepção abstrata daquilo que percebia em imagens.

Esse é o sentimento básico destes povos da Ásia ocidental até a África. A partir da natureza, viam um mundo espiritual, mas não o ser humano, e tinham inclusive medo de vê-lo, porque achavam que, dessa forma, entrariam numa região abstrata, na qual os romanos mais tarde adentraram com a sua religião. Antes da época romana, nos anos dois mil e três mil {antes de Cristo}, existia por toda a parte {nessa região do mundo} a aspiração de captar o que existia em imagens. Claro que tentava-se expressar em imagens aquilo que existia em imagens, tentava-se contemplar a ligação com o espiritual, não através de conceitos abstratos, mas de ações imaginativas: essa é a origem do culto. A origem inicial do culto encontra-se nesse domínio religioso que acabo de assinalar.

Agora, imaginem os senhores o desenvolvimento do antigo povo hebraico na sua totalidade, do judaísmo, que deve o seu desenvolvimento como povo à enorme pressão sentida para colocar o ser humano naquilo que vivia na sua consciência. Hoje gostaria de falar em grandes linhas para poder orientar-nos no tema. Os membros do povo hebraico queriam, acima de tudo, sentir o Deus que fundamentava a natureza humana. O hindu só sentia o deus, ou os deuses, que fundamentava a natureza humana inferior e, ao penetrar com a sua consciência o {nível} humano, queria ascender ao nirvana. Os povos persa, caldeu e egípcio buscavam a ligação com a divindade por meio de imagens e, em função do seu caráter, evitaram chegar ao ser humano.

Vemos assim como a pressão no judaísmo para reunir o divino com o humano, de estabelecer uma relação entre o divino e o humano, [levou à situação de que] o divino surgiu como sendo, ao mesmo tempo, o próprio fundamento do humano. Entre os hindus não existia essa disposição, eles navegavam imediatamente para o nirvana; quando se queria ter consciência do humano, não existiam mais as representações. No hinduísmo, esse acesso próprio à alma humana tinha que ser evitado. Esse acesso próprio da alma humana tinha justamente levado, de certa forma, o hindu a se afastar da existência {na Terra} e como que planava sobre a não existência. O outro caminho, o caminho persa, ficou atolado nas imagens, ficou atolado na simples celebração do culto.

Vemos, portanto, como o povo judeu, de certa forma, desenvolveu a sua própria singularidade em meio dessa aspiração e como, inicialmente, foi-lhe impossível sair da própria vida e chegar a Deus. Foi preciso esperar que Deus mesmo desse {o primeiro passo} e é assim que realmente surgiu o conceito da revelação. Era preciso esperar que Deus mesmo desse {o primeiro passo}, sendo que, por outro lado, as pessoas evitavam tomar o caminho {do culto} das imagens, porque temiam que, dessa maneira, chegassem a um Deus infra-humano e não ao Deus que fundamentava o humano.

O caminho {do culto} das imagens deveria ser evitado [no judaísmo] e as pessoas não queriam falar com Deus por meio do culto, nem por meio do conhecimento. O antigo judeu queria sondar Deus de tal maneira que ele deveria se revelar e o ser humano deveria se relacionar com ele de uma maneira humana, na medida em que o judeu não realizava exteriormente um culto em estado de êxtase, mas algo que surgia da subjetividade: a promessa, a revelação, a promessa, um contrato entre ambos, pode-se dizer, uma relação jurídica entre o ser humano e o seu Deus.

É assim que a religião judaica se posicionou no desenvolvimento da humanidade e assim continua até hoje. Pode dizer que isso pré-formou o que ocorre nos tempos modernos, quando tenta-se afastar a ciência [da religião], de tal forma que a ciência não intefira [na religião], assim como o antigo judeu afastou tudo que existia nas imagens {do culto}. Tudo isso já está pré-formado no

judaísmo e justamente na moderna diferenciação entre saber e fé existe muito, mas muito mesmo do judaísmo. No livro de Harnack *A essência do cristianismo*, tudo isso é tomado do judaísmo. Devemos ter consciência de que sofremos com essa situação.

Cada vez mais interferem outros elementos no desenvolvimento da humanidade. Cada vez mais se desenvolve aqui o que era característico entre os judeus: a consciência da personalidade, que pressiona em direção ao desenvolvimento do eu. Entre os gregos desenvolveu-se um poderoso mundo interior, além da contemplação da natureza exterior, mas era um mundo cuja validade poderia ser colocada em questão, porque era visto apenas como um mundo mitológico.

Os senhores podem sentir no helenismo, no elemento religioso do helenismo, essa luminosidade que vive através da mitologia grega, da fantasia em forma de mitologia, que o ser humano tenta achar por meio do que se eleva no ser humano e que não se encontra na natureza. Mas o {antigo} grego não conseguia captar interiormente o verdadeiro ponto central, por isso {tinham} a fantasia da mitologia, que, posteriormente, os romanos conduziram para o pensamento abstrato, que, aliás, já tinha começado com Aristóteles, mas que foi especialmente cultivado em Roma. Esse pensamento abstrato, que mais tarde tornou-se suficiente poderoso para colocar o ser humano no seu eu, que trouxe a consciência de si mesmo, a consciência do eu, esse pensamento abstrato ainda carregamos em nós, bem como carregamos seu peso sob a forma do novo agnosticismo.

Meus caros amigos, no fundo não existe outra doutrina mais espiritual do que o moderno materialismo. Este parece ser um estranho paradoxo e é assim mesmo. O que o moderno pensador materialista carrega na cabeça é totalmente espiritualizado, tão espiritualizado que é completamente abstrato e, portanto, não tem nenhuma relação com a realidade. É a vivência {moderna} do elemento romano. Na verdade, no século XIX tornamo-nos seres humanos profundamente espiritualizados, mas, na medida que afirmamos que através dela só captamos a matéria, negamos essa espiritualidade. Temos, de fato, na alma um conteúdo completamente espiritualizado, espiritualizado até o nível de idéia, mas afirmamos que, através disso, somente podemos captar um mundo material.

É por meio dessa espiritualização que o ser humano pode captar o seu eu, assim sua consciência de si mesmo tornou-se muito forte, mas [com isso] separou-se do mundo. Hoje em dia, ele precisa procurar novamente sua relação com o mundo, deve buscá-la no conhecimento, deve contar com a possibilidade de não somente ter um “conhecimento sem significado objetivo”, mas um conhecimento com significado objetivo, de tal forma que, através do conhecimento, possa vivenciar o ser do mundo e, por outro lado, deva ter no seu íntimo aquilo que garante o elemento objetivo {do mundo}.

Os senhores podem ver que os {antigos} gregos tinham uma enorme vantagem perante o mundo oriental, porque de certa forma podiam reunir o conteúdo interior. Poderiam ter passado dessa interioridade para o conteúdo, mas o conteúdo ficou inicialmente preso à fantasia. Algo não conseguiram os {antigos} gregos. Eles conduziram o desenvolvimento da humanidade até a interiorização, mas não conseguiram consolidá-la no interior {da alma humana}. A consolidação, o endurecimento, continuou durante a época romana e no que surgiu após esse tempo. Precisamos aprender a entender – encontramos-nos atualmente ainda na necessidade de desenvolver esse aprender a entender – como é possível consolidar interiormente aquilo que penetra na nossa interioridade.

Os {antigos} gregos podiam pensar os deuses em imagens de grandiosa fantasia, mas não conseguiam rezar. Isso é o mais importante: os {antigos} gregos não conseguiam rezar. A oração realmente veio mais tarde e, para rezar, deve-se buscar a possibilidade de nela captar as realidades. Deve-se ligar isso aos tempos quando a oração não era meramente falada, não era meramente pensada nem era meramente sentida, mas a oração estava unida ao ato do sacrifício {do culto religioso}. Por sua vez, o catolicismo sabe muito bem porque não abandona o culto, o ato do sacrifício, o ofertório.

Bom, próximamente vamos continuar debatendo todos esses pontos.

* GA 342-1 *O conhecimento espiritual O sentimento religioso A ação no culto* Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1993.